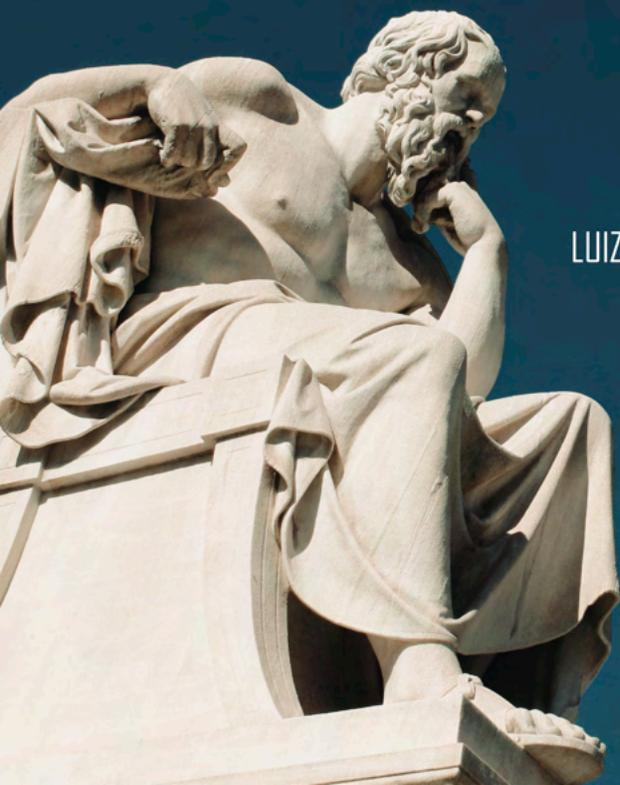


REFLEXÕES SOBRE

# FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA



LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES  
(ORGANIZADOR)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021

REFLEXÕES SOBRE

# FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA



LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES  
(ORGANIZADOR)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia /  
Organizador Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes.  
– Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-634-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.345212311>

1. História da filosofia. I. Menezes, Luiz Maurício  
Bentim da Rocha (Organizador). II. Título.

CDD 109

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

A coleção “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia” é uma obra que tem como foco principal a discussão filosófica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos da história da filosofia.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi o aspecto relacionado à história da filosofia, de maneira que possamos abranger ao máximo a reflexão sobre estudos recentes em matéria de filosofia.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres e doutores, assim todos aqueles que de alguma forma se interessam pela história da filosofia. Possuir um material que demonstre evolução de diferentes pensamentos em filosofia e que tenham uma contribuição relevante para o desenvolvimento da crítica, assim como a abordagem de temas atuais e de interesse direto da sociedade.

Deste modo a obra “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia” apresenta uma teoria bem fundamentada em estudos feitos por diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A FACULDADE DE JULGAR O QUE É BELO PARA IMMANUEL KANT: A LÓGICA RACIONAL DO IRRACIONAL?	
Adriano Rodrigues Mansanera	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123111">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123111</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
ALTERIDAD Y LITERATURA: LA PROPUESTA DE GRACILIANO RAMOS	
Patricia Bernarda Vilcapuma Vines	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123112">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123112</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
APROXIMAÇÕES FENOMENOLÓGICAS À <i>ILUSÃO DE ONIPOTÊNCIA</i> DE WINNICOTT	
Cristian Marques	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123113">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123113</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>30</b>
ENTRE CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE: MÚSICA PITAGÓRICA E ASTROLOGIA	
Félix Manco Ramos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123114">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123114</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA TRÁGICA NO EXPERIMENTO DE PENSAR DO JOVEM NIETZSCHE	
Sandro Melo Batalha Cardoso	
Ivys de Alcântara Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123115">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123115</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
ÉTICA DE E. LÉVINAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: TOTALIDADE, INFINITO, SENSIBILIDADE E O FRENTE A FRENTE	
Luiz Fernando Gomes Ferreira	
José Manfroi	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123116">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123116</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
O NOVO ESTATUTO DO CONHECIMENTO NA FILOSOFIA DO CÉTICO CARNÉADES	
Ísis Lopes D'Oliveira Zisels	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123117">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123117</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
TALES DE MILETO: UN HÉROE DE SABIDURÍA ENIGMÁTICA	
Joseph Max Espiritu Ventocilla	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123118>

**CAPÍTULO 9..... 93**

TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL, VYGOTSKY E MARXISMO: APONTAMENTOS PARA  
UMA COMPREENSÃO CRÍTICA

Renata Dalbianco Ferreira dos Santos  
José Alberto Lechuga de Andrade Filho  
Alexandra Ayach Anache

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123119>

**CAPÍTULO 10..... 101**

A FUNÇÃO DO MITO EM PLATÃO

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.34521231110>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 110**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 111**

# CAPÍTULO 1

## A FACULDADE DE JULGAR O QUE É BELO PARA IMMANUEL KANT: A LÓGICA RACIONAL DO IRRACIONAL?

*Data de aceite: 01/11/2021*

### **Adriano Rodrigues Mansanera**

Psicólogo e Professor da UFPR do Curso de Computação, Ciências Exatas e Engenharias – UFPR - Campus Jandaia do Sul – Mestre em Educação – UEM e doutor em filosofia pela UFSC

**RESUMO:** O objetivo desse capítulo é refletir sobre a finalidade sem fim, da faculdade de julgar o que é belo, relacionando-o com a criação artística a partir da obra “A Crítica da Faculdade do Juízo” de Immanuel Kant publicada em 1790. Temos noção, que o livro de Kant não tem uma preocupação direcionada à estética da arte. Mas vamos fazer uma pequena reflexão sobre arte e a possibilidade de se criar uma obra de arte com uma intencionalidade sem fim. Desse “modo de ser afetado” pela sensibilidade pelo objeto belo o que seria uma originalidade na teoria de Kant nunca vista até aquele momento. Enfim, ainda encontramos muitos filósofos da contemporaneidade que negam uma explicação do mundo sensível e supra-sensível do irracional. The objective of this chapter is to reflect on the endless purpose, of the faculty of judging what is beautiful, relating it to artistic creation from the work “A Critique of the Faculty of Judgment” by Immanuel Kant published in 1790. that Kant’s book is not concerned with the aesthetics of art. But let’s make a small reflection on art and the possibility of creating a work of art with an endless intentionality. This “way of being affected” by the sensibility for the beautiful object, which would be

an originality in Kant’s theory never seen until that moment. Finally, we still find many contemporary philosophers who deny an explanation of the sensible and supersensible world of the irrational. **PALAVRAS-CHAVE:** Immanuel Kant, O belo, Arte.

**ABSTRACT:** The objective of this chapter is to reflect on the endless purpose, of the faculty of judging what is beautiful, relating it to artistic creation from the work “A Critique of the Faculty of Judgment” by Immanuel Kant published in 1790. that Kant's book is not concerned with the aesthetics of art. But let's make a small reflection on art and the possibility of creating a work of art with an endless intentionality. This “way of being affected” by the sensibility for the beautiful object, which would be an originality in Kant's theory never seen until that moment. Finally, we still find many contemporary philosophers who deny an explanation of the sensible and supersensible world of the irrational.

**KEYWORDS:** Immanuel Kant, The Beautiful, Art.

### **INTRODUÇÃO**

No momento atual, nos perguntamos qual seria a utilidade da arte? Mesmo vivendo numa sociedade capitalista do consumo do século XXI, essa temática da reflexão estética sobre a arte teve início em Immanuel Kant em 1790 com a publicação de seu livro “A Crítica da Faculdade do Juízo”. A partir dessa obra, temos o objetivo de refletir sobre a finalidade sem fim, da faculdade de julgar o que é belo

relacionando-o com a criação artística.

Temos noção, que o livro de Immanuel Kant não tem uma preocupação direcionada à estética da arte. Mas vamos fazer uma pequena reflexão sobre arte e a possibilidade de se criar uma obra de arte com uma intencionalidade sem fim. Não queremos entrar numa discussão de definição de conceitos do que seria arte, pois cada época ou cultura já definiu e ainda define o que considera ser arte. O que Kant propõe com seu método crítico do juízo, é justamente o ajuizamento dos fatos à serem analisados, o belo. “Para designar se algo é belo ou não, referimos a representação, não pelo entendimento ao objeto em vista do conhecimento, mas pela faculdade da imaginação.” (KANT, 1995, p.47).

Tarefa difícil, que levou Duchamp a se perguntar “como fazer uma obra de arte que não seja obra de arte?” Aberta ao novo, saindo do instituído pelas escolas ou estilos de pintura já produzidos pela humanidade, ou seja, “uma obra sem assinatura, sem preocupações a quem possa perguntar quem é esse autor?” (ÓSÓRIO, 2008, p.4). Como criar uma obra de arte que seria imaginação e não teria enquanto proposta gerar conhecimento, mas sim o gosto, e se fundaria no sentimento do prazer e desprazer, pois quando estivéssemos diante de um objeto belo ou não, pois não estaríamos em hipótese preocupados em conceituá-lo, mas sim sentir prazer ou desprazer (gostar ou não gostar).

A princípio Kant propõe o retorno à natureza, mas, o retorno à natureza não seria uma função primitiva como se nela encontrássemos a origem de tudo, o retorno à natureza seria um fazer em aberto, um caminhar sem conceitos com os determinismos de nossa razão, na relação entre o mundo sensível e o mundo supra-sensível. De acordo com Ósório (2008) “julgar e se deixar afetar com o mesmo despojamento apresentado diante do fenômeno natural, ou seja, sem se perguntar pela causa ou pelas razões que determinam o efeito. (p.4)

Então, como seria possível no ato de criação de uma obra de arte do artista seja ele pintor, escultor, ou músico uma intencionalidade sem fim? Pois para Kant; “quando se julgam objetos simplesmente segundo conceitos, toda a representação da beleza é perdida.” (KANT, 1995, p.60). Atualmente se discute questões de arte como sendo do juízo estético, mas na época de Kant ela foi denominada de juízo de gosto, entendidos também como problemas estéticos da “crítica do juízo estético” ou “crítica do gosto”. Seria um tipo de abordagem fenomenológica, de como se fazia uma crítica da faculdade do juízo de julgar os objetos belos. Era um sentido poético de entender a natureza diferente de seu antecessor Alexandre Baumgarten<sup>1</sup> Kant procurava via racionalidade tratar de assuntos da sensibilidade que o sujeito era afetado quando julgava o que seria belo.

---

1 “Coube ao filósofo alemão Alexandre Baumgarten, um original seguidor da escola leibnizianowolffiana, o mérito de sistematizar a abordagem das questões estéticas numa nova disciplina filosófica a que chamou precisamente *Aesthetica*, cujo 1.º volume foi publicado em 1750 (o 2.º sêloia em 1758). Os assuntos estéticos até então ou eram tratados à mistura com considerações de natureza moral e psicológica (a propósito dos sentimentos), ou envolvidos em considerações metafísicas (a ideia de beleza convocava as — ou era convocada pelas — de perfeição, de harmonia, de ordem, de simetria, de regularidade), ou, pelo que respeitava aos aspectos expressivos, eram tópicos dos Tratados de Poética e de Retórica, que haviam conhecido grande proliferação no período do Barroco.” (SANTOS, 2012, p.303).

Kant deixa claro em suas explicações que se trata da sensibilidade o estético que não é do mundo da lógica. Se algo é belo ou não, pela representação que damos a esse objeto, não seria pelo entendimento que temos dele, por isso, o juízo de gosto, não era o juízo de conhecimento e de sim da sensibilidade. “«Estético» designa uma determinação do sujeito (um modo de ele ser afectado) e não uma determinação do objecto.” (SANTOS, 2012, p.310).

Esse “modo de ser afetado” pela sensibilidade pelo objeto belo seria uma originalidade na teoria de Kant nunca vista até aquele momento, e ainda em muitos filósofos da contemporaneidade que mesmo criticando o autor falam dele. O juízo de dizer se algo era belo ou não, fazia com que o sujeito começasse a sair do que seria somente uma explicação racional até aquele momento e passe para uma explicação do mundo sensível e supra-sensível do irracional. Para Santos (2012, p.311) “não é o facto de uma representação ser sensível o que a torna estética”, “pois o sensível pode servir como matéria prima ao conhecimento dos objetos”. E também “não é o facto de as representações, serem intelectuais que as impede de serem estéticas”.

Kant (1995) diz que essas representações de “ser sensível”, ou “serem intelectuais” ainda poderiam comportar somente ao sentimento do próprio sujeito ou ainda serem somente estéticas, e ir além do que elas possam representar. Era uma intencionalidade sem fim, com um fazer em aberto, sem determinação, sem conceitos pré-determinados. Que poderia nos possibilitar novas formas pelos sentimentos de estarmos presente no mundo sem ser somente pelo mundo da razão.

Santos (2012) em sua análise afirma que o ser afetado em si mesmo, no seu interno, seria “não pensar que o mundo é belo, ou que há no mundo coisas belas, mas dispor o espírito para configurar esteticamente e embelezar o mundo”. (p.318). Nesse sentido, Kant (1995) nos apresentava dois tipos de sentimentos o do belo e do sublime como fazendo parte do seu livro da Crítica do Juízo estético, afirmando que a “a beleza não é algo que possa ser conhecida, mas apenas sentida” (SANTOS, 2012, p.325). Mas Kant não nega a razão ao falar dos sentimentos. Em relação a isso, Santos conclui que “o sentimento estético é mesmo mais originário de que a ordem da razão, é há uma comunicação autônoma dos sentimentos que não passa pelas vias da comunicação intelectual ou racional.” (SANTOS, 2012, p.332). Pois o sentimento passava então pela ordem da reflexão o que Kant definiu como sendo a faculdade de julgar reflexionante.

## **A FACULDADE DE JULGAR O QUE É BELO PARA IMMANUEL KANT**

Kant escreveu três livros bem conhecidos sobre a crítica 1) – Crítica da Razão Pura (1781); 2) – Crítica da Razão Prática (1788) e o último sobre a teoria do belo o estético 3) – Crítica da Faculdade do Juízo de (1790). Selecionamos para nossa reflexão a primeira seção dessa última obra que relatava a “analítica da faculdade de juízo estética”

no primeiro livro intitulado a “Analítica do Belo”. Livro esse que hoje é usado com se tivesse elementos estéticos para uma discussão sobre a arte, que na época de Kant nunca teve.

Nessa parte da primeira seção vamos tentar refletir de forma geral sobre os quatros momentos de julgar o que seria o belo: 1) – Primeiro momento do juízo do gosto, **segundo a qualidade**; 2) – Segundo momento do juízo do gosto, a saber, **segundo sua quantidade**; 3) – terceiro momento do juízo de gosto, segundo **a relação dos fins** que nele é considerada; e por último o 4) – o quarto momento do juízo de gosto segundo a modalidade de **complicência no objeto**. Um resumo desses quatros momentos do juízo de gosto, poderiam ser entendidos: o juízo seria **desinteressado** até tendo prazer do objeto que o sujeito julgasse belo, e também seria **universal** na capacidade de tudo sujeito humano de julgar da mesma forma “**fins sem fim**” e por último esse juízo do belo seria **necessário** para que todos concordassem com ele.

Como havia dito no início do texto, que a experiência estética apresentada por Kant, não tinha o objetivo de falar da arte, com seu juízo estético, ou juízo do gosto, e sim falar e refletir sobre os sentimentos de ser afetado na sua faculdade de julgar o que seria belo. O que não impediria de usarmos suas ideias para uma discussão estética não somente das artes, mas da política, religião e da moral na atualidade assunto que não vamos abordar.

Entendemos o gosto de acordo com Kant na capacidade de pensar e julgar o que seria belo, mas esse belo enquanto coisa natural que seriam os seres naturais como as flores, o canto dos pássaros etc... E a arte dos pintores para o autor era uma técnica que produziria uma obra bela como da natureza, porém com intencionalidade. Já o belo da natureza como as flores selvagens não teriam essa intencionalidade e sim um sentido indeterminado universal, devendo ser consideradas válidas para qualquer pessoa.

Os seres humanos com seu sentimento pessoal de prazer ou não, quando enunciassem um juízo sobre a beleza de algo, estariam de acordo com autor tentando de alguma forma tornar essa produtividade da obra de arte como válida para todos. Mas essa obra de arte seria produto de uma intenção ser bela a todos, uma intencionalidade (o fazer-se), bem diferente das flores selvagens da natureza, os cantos dos pássaros que no seu agir belo seria sem intencionalidade. Para Kant existiria um vínculo entre a natureza e a bela arte, que teria uma conexão interna que não poderia ser conceituado. Mas “A natureza era Bela se ela ao mesmo tempo parecia ser arte; e arte somente pode ser denominada Bela se temos consciência de que ela é arte que ela apesar disso nos parece natureza.” (KANT, 1995, p. 48).

Entendemos a partir de Kant que poucas criações artísticas pela pintura como de Picasso, Cezanné, Van Gogh e Paul Kler entre outras estariam fora do domínio dos juízos lógicos científicos, e a criação da obra estaria mais aberta ao novo com uma intencionalidade de “fins sem fim” da indivisibilidade, rumo a comunicabilidade universal dos sentimentos humanos. Diante disso, postulamos que existiria a possibilidade de ser artista com imaginação criativa por que: “o meu juízo, sendo originariamente meu, abrese

contudo à comunicação e espera ser acolhido por todos aqueles que compartilham comigo a condição de seres humanos.” (SANTOS, 2012, p.333).

Por isso fica claro para Kant, com influências teóricas platônicas e aristotélicas “o que o filósofo fez foi combinar os elementos de uma e de outra para propor uma nova compreensão seja da arte humana seja da natureza, [...] a natureza pela arte (isto é, a natureza como arte), e a arte pela natureza (isto é, a arte como natureza).” (SANTOS, 2012a, p.128). E para que o juízo do gosto fosse puro Kant apresenta para o sujeito humano com faculdades de imaginação e de entendimento quatro momentos para o juízo de gosto.

### **1) – Primeiro momento do Juízo de Gosto, segundo a Qualidade**

Kant (1995) inicia o texto, dizendo que para distinguir se algo fosse belo ou não, utilizava-se a representação não via ao objeto em relação ao conhecimento, e sim pela imaginação em relação ao seu sentimento de prazer ou desprazer. “O juízo de gosto não é, pois, nenhum juízo de conhecimento, por conseguinte não é lógico e sim estético, pelo qual se entende aquilo cujo fundamento de determinação não pode ser senão subjetivo.” (KANT, 1995, p.48).

Para o autor no juízo reflexivo se algo fosse Belo, poderia gerar como resposta várias opiniões em relação a existência desse objeto, com uma sensação de prazer também. Ou, seja, que o belo seria o objeto de uma satisfação desinteressada que não poderia ser confundida com indiferença em que o sujeito humano não teria relação com o belo. Para Kant (1995) a representação do belo na sua satisfação desinteressada queria dizer a respeito do sujeito e ao “seu sentimento de vida, sob o nome de sentimento de prazer e desprazer” (p.48) que nos daria ajuizamento que não auxilia no conhecimento, por serem sempre estéticos.

### **2) – Segundo momento do Juízo de Gosto, segundo a Quantidade**

Vamos apresentar o segundo momento que fazia parte do juízo reflexivo sobre o belo, para um sujeito que tivesse a faculdade de imaginação e entendimento. Kant inicia o texto nessa parte dizendo que sobre a validade de um objeto sem interesse e sem juízo de conhecimento, visto anteriormente que agora nesse momento ele deveria tornar-se universal. Uma universalidade como possibilidade de que todos os sujeitos tivessem acesso ao juízo reflexivo do belo.

Utiliza como exemplo de um ato agradável, para se ter uma universalidade subjetiva aplicada á experiência; tomar um vinho espumante das canárias, que envolveria todo um contexto onde não somente o gosto na língua seria levado em conta. Mas, outras sensações aos olhos e aos ouvidos que se faziam presentes naquela experiência. Para Kant (1995):

Uma universalização não se baseia em conceitos de objetos (ainda que somente empírico) não é absolutamente lógica, mas estética, isto é, não contém nenhuma quantidade objetiva do juízo, mas somente uma subjetiva, para qual utilizo a expressão validade comum [...] Ao sentimento de prazer e desprazer do sujeito. (KANT, 1995, p.59).

O que Kant quer evitar nesse segundo momento era julgar os objetos segundo conceitos “a contemplação desinteressada da beleza [...] mas coloca em ação, para si mesmas, as condições subjetivas de todo conhecimento.” (LACOSTE, 1986. p.28). Ou seja, um jogo livre do Belo universalmente que não deveriam ser submetidos às regras do conceito. Enfim, nessa parte além do que foi dito, seria a possibilidade do transcendental para Kant, onde ele tentaria sair do empirismo, por que falar do universal era uma ideia que não teria origem em conceitos. (LACOSTE, 1986).

### **3) – Terceiro momento do Juízo de Gosto, segundo a relação dos fins que nele é considerado**

No terceiro momento do juízo do gosto, o objeto belo da natureza não teria determinações de causas e fins, seriam para Kant os “fins sem fim”.

A conformidade a fins pode, pois, ser sem fim, na medida em que não pomos a causas dessa forma em uma vontade e contudo somente podemos tornar compreensível a nós a explicação de sua possibilidade enquanto a deduzimos de uma vontade. (KANT, 1995, p.65).

Pensar o belo em uma finalidade “sem fim” era tentar sair da lógica que tudo teria uma causa e efeito, em toda vez que o juízo aparecia na tentativa de explicar que seria algo belo, nesse processo Kant tenta nos mostrar como seria possível uma finalidade sem fim?

No entanto, a beleza de um ser humano (e dentro desta espécie a de um homem ou de uma mulher ou uma filha, a beleza de um cavalo, de um edifício (como igreja, palácio, arsenal ou casa de campo) pressupõe um conceito do fim que determina o que a coisa deve ser, por conseguinte um conceito de sua perfeição, e é, portanto, beleza simplesmente aderente. (KANT, 1995, p.76).

O que Kant quer nos mostrar, que não poderíamos dizer que uma coisa seria bela quando fosse perfeita, por que aí já estaria definido o conceito de representação do que seria considerado ser perfeito. O prazer estético não pode comportar essa definição de conceito da representação de perfeito, deveria ser uma beleza gratuita da natureza na sua exuberância, ou seja, uma beleza livre sem aderência alguma nem no objeto e nem no sujeito. E nisso estavam às artes plásticas como a pintura e escultura onde o desenho seria o essencial para criação da obra.

### **4) – Quarto momento do Juízo de Gosto, segundo a modalidade da complacência no objeto**

No último e quarto momento do juízo do gosto, Kant falou da complacência do belo, onde o juízo do belo era necessário ao ser humano, desde que ao considerar um objeto como belo, ele fosse também necessário para todos os seres humanos. “Visto que um juízo estético não é nenhum juízo objetivo e de conhecimento, esta necessidade não pode ser deduzida de conceitos determinados.” (KANT, 1995, p.82).

A única necessidade do juízo do gosto que aceitava Kant (1995) seria a do

assentimento universal mesmo sendo uma necessidade subjetiva. “Uma bela coisa, por conseguinte, revela uma ordem que nada significa uma organização que não se concilia com nenhum conceito, uma combinação inútil, o qual contrasta com a experiência do sublime” (LACOSTE, 1986, p.31).

Ao finalizarmos este quarto momento sobre o juízo reflexivo sobre o belo, entendemos que o juízo do gosto na sua inter-relação com os outros três momentos anteriores ele seria desinteressado, universal, conforme a “fins sem fins”, e extremamente necessário aos seres humanos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciamos as discussões iniciais desse texto sobre a faculdade de julgar o que é belo relacionando com a arte de acordo com Kant, começamos a perceber que a temática sobre arte é o que menos preocupa o autor no seu livro *Crítica da Faculdade do Juízo*.

É claro que podemos fazer algumas reflexões sobre a intencionalidade sem fim em relação à criação artística na atualidade. Mas muito mais que a temática sobre a arte, percebemos ao final da reflexão sobre a terceira *Crítica* que Kant apresentava um problema da ordem do conhecimento e de ordem moral, através das coisas da natureza. Kant (1995) procurava na natureza a aplicação da lei moral no mundo sensível. Falar do sensível, do belo da arte, nesse momento aos homens de hoje do nosso presente caberia a difícil tarefa de aliarmos teoria e prática na filosofia com a natureza, como sendo uma ponte de comunicação, pois “é um homem que vive em dois mundos, o mundo natural e o mundo moral. Então essa ponte está somente situada no sistema subjetivo humano, na vida de homem moral no mundo natural, na vida do homem racional e do homem animal num só ser.” (CITRO, 2011, p.156).

## REFERÊNCIAS

CINTRO, Danilo. **Introdução à Crítica da Faculdade do Juízo e o abismo na Filosofia**. Ensaios Filosóficos, Volume III – abril - 2011.

SANTOS, Leonel Ribeiro. **Regresso a Kant**: ética, estética, filosofia política. *Concepção gráfica*: UED – Unidade Editorial, Lisboa, 2012.

SANTOS, Leonel Ribeiro. **A idéia de uma heurística transcendental** CEM Artes Gráficas - Lisboa, 2012a.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte**. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do juízo**, trad. Valério Rohden e António Marques – 2. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

OSÓRIO, Camilo Luiz. **Para que arte e para que crítica? Encontros e desencontros**. Seminários Internacionais Museu vale: “e para que poetas em tempos indigentes?” - Vila Velha: Espírito Santo, 2008. Disponível em: <[www.seminariosmv.org.br/2008/textos/luiz\\_camillo\\_osorio.pdf](http://www.seminariosmv.org.br/2008/textos/luiz_camillo_osorio.pdf)> Acesso em

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteridade 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17

Análítica existencial 18, 25

Arte 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 88, 95

Astrologia 30, 31, 33, 37, 40, 41, 89

### B

Belo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 55, 108

### C

Capitalismo 64, 97, 99

Carnéades 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Ceticismo 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81

Ciência 30, 31, 32, 33, 34, 39, 40, 41

Ciudadana 9, 11

### E

Educación 9, 10, 15, 16, 32, 33

Epistemologia 73, 76

Espiritualidad 30, 31, 88

Experimento de pensar 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55

### F

Filosofia antiga 73, 74, 101

Filosofia trágica 43, 52, 54, 55

Frente a frente 57, 58, 59, 68, 69, 70, 71

### H

Héroe 33, 35, 42, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91

História 16, 28, 48, 49, 58, 70, 73, 78, 80, 81, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 108, 110

História da filosofia 28, 78, 101

### I

Identidad 9, 12, 14, 15, 16, 85

Ilusão de onipotência 18, 19, 20, 23, 24

Imaginación narrativa 9, 14, 15

Immanuel Kant 1, 2, 3

Infinito 16, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 77, 103

## **L**

Literatura brasileira 9

Ludwig Edelstein 101

## **M**

Martin Heidegger 19, 58

Marxismo 93, 94, 96, 97, 98, 99

Mito 35, 38, 42, 50, 53, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Mitologia 101, 102, 103, 104, 105, 108

Música 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 48, 49, 51, 52, 106

## **P**

Pandemia 57, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 71, 72

Pitagorismo 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37

Platão 45, 54, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

## **R**

Realidade 18, 20, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 46, 53, 58, 59, 60, 69, 74, 78, 93, 94, 96, 97, 99, 102

Romantismo 48, 49, 50, 51, 52, 56

## **S**

Sabedoria 32, 38, 39, 83, 85, 86, 88, 89, 91

Sensibilidade 1, 2, 3, 57, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 79

## **T**

Tales de Mileto 31, 83, 86

Teoria histórico-cultural 93, 94, 96, 97, 98, 99

Totalidade 48, 51, 57, 59, 60, 62, 65, 67, 68, 72, 73

## **U**

Uno-primordial 43, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55

## **V**

Vygotsky 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

## **W**

Winnicott 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29

REFLEXÕES SOBRE

# FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2021

REFLEXÕES SOBRE

# FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2021